

**Eixo temático:** CURRÍCULO, METODOLOGIA E PRÁTICAS DE ENSINO

**Forma de apresentação:** Resultado de pesquisa

**Autores/apresentadores:** Letícia Moraes Souza, Filomena Elaine Paiva Assolini, Maria Julia Camargo Bocchio.

**Título:** PRÁTICAS DE ENSINO NA FORMAÇÃO DO SUJEITO LEITOR

**Resumo:** Este trabalho aqui apresentado é originário de uma pesquisa financiada pela FAPESP. Um dos objetivos foi o de investigar as condições de produção em que ocorre a alfabetização em salas de aula dos primeiros anos do Ensino Fundamental I. Realizamos tal pesquisa amparados na Análise de Discurso de Matriz francesa pecheuxtiana e na Teoria Sócio histórica do Letramento. O corpus foi composto por entrevistas semiestruturadas e, ainda, observações de aula dos professores entrevistados. Dentre outros resultados mostraremos aqui como as práticas de ensino da leitura e da escrita levam o aluno ou não a se tornarem um sujeito-leitor.

**Palavras-chave:** Análise de Discurso; Leitura; Ensino.

## **Introdução**

Muitas foram as discussões já realizadas sobre a temática da alfabetização, porém quando olhamos para o cenário educacional e precisamente para os dados de escrita e leitura dos alunos brasileiros percebemos que ainda há mais questionamentos do que certezas. De acordo com variados pesquisadores como Mortatti (2014), Tfouni (2008), Assolini (2015), Soares (2017), Kleiman (2007), este é um processo lento que envolve o desenvolvimento de variadas habilidades e competências.

Os pesquisadores acima elencados afirmam de diferentes formas, o quão desafiador é o processo de alfabetização. A partir dessas e outras questões originou-se tal investigação cujo objetivo foi averiguar as condições de produção em que ocorre a alfabetização em salas de aula dos primeiros anos do Ensino Fundamental I.

O trabalho aqui apresentado diz respeito a um recorte dessa pesquisa maior. Mostraremos mais especificamente as práticas de ensino de leitura e escrita observadas no decorrer dessa investigação. Para responder as problematizações aqui explicitadas valemo-nos das contribuições dos pesquisadores do campo da alfabetização, da Teoria Sócio Histórico Letramento, da Análise de Discurso de matriz francesa pecheuxtiana e das Ciências da Educação.

## **Metodologia**

Para compor nosso corpus, foram realizadas quatro entrevistas semiestruturadas com professores alfabetizadores e, ainda, foram observadas as rotinas das salas de aula desses professores com registro em caderno de campo.

Essas entrevistas foram áudio gravadas e posteriormente transcritas na íntegra, formando o que Courtine (1982) denomina de amplo espaço discursivo. Dando seguimento no processo de análise detivemo-nos em alguns *recortes* (ORLANDI, 2003). Nesses recortes buscamos as *sequências discursivas de referência* (SDR) como “manifestação da realização de um intradiscorso - como ponto de referência a partir do

qual o conjunto de elementos do corpus receberá sua organização” (COURTINE, 2016, p. 25).

É necessário assinalar que trabalhamos com o paradigma indiciário, inaugurado por Ginzburg (1989). Sendo assim, as análises levaram em consideração marcas da ideologia, da falha, dos equívocos, características inerentes da língua (PECHÊUX, 1990).

Apresentamos então, três recortes que formam os gestos de análise. Os fragmentos aqui analisados respondem ao seguinte questionamento da entrevista: como você alfabetiza?

**Professor A:** *“Olha a gente trabalha muito assim, principalmente com o Ler e Escrever, que é aquele que a gente tem que ver a hipótese das crianças, e...então... a gente mistura tudo né, mas é mais assim o Ler e Escrever”*

**Professor B:** *“Nós alfabetizamos com o método da Emília Ferreiro, através de texto não de sílabas, tá? Através de textos, listas, por exemplo a gente faz listas de brincadeiras, lista de frutas, lista de insetos”*

**Professor C:** *“Nós aqui, a gente usa o construtivismo, então não é aquela silabação de pegar o “a, e, i, o, u” ou “ba, be, bi, bo, bu” a gente não usa isso!”*

## **Resultados e Discussão**

Por meio desses recortes podemos perceber que há uma forte presença do construtivismo na fala desses sujeitos professores. Com isso, observamos que a formação discursiva que estes sujeitos estão inseridos é a de que o construtivismo é um método de alfabetização quando, na verdade, o que temos é uma concepção de aprendizagem construtivista, não um método construtivista. Cabe aqui lembrar que Ferreiro e Teberosky (1988) limitaram-se, em sua pesquisa, a explicitar detalhadamente a evolução da escrita sem, entretanto, oferecer sugestões metodológicas para a alfabetização.

Essa formação discursiva nos remete a formações ideológicas de disputas entre os métodos de alfabetização no campo educacional. Em variados momentos das entrevistas percebemos que ao mesmo tempo em há a negação do trabalho com as sílabas e com os aspectos fônicos, esses modos de alfabetizar estão presentes em sala de aula. Nessa disputa entre os métodos de alfabetização é possível compreender que aquele que “vence” é o método legitimado pelo material didático oferecido pelo governo estadual paulista, entendido e propagado pelos professores como o da Emília Ferreiro.

Isto posto, fica evidente a confusão e o mal-entendido teórico que se deu acerca da concepção construtivista quando transposta para materiais didáticos e propostas pedagógicas. Essa leitura equivocada das pesquisas de Ferreiro e Teberosky (1988) gera também práticas e fazeres pedagógicos equivocados, como afirma Assolini (2015).

## **Conclusão**

Após realizar as análises, constatamos que as condições de produção da alfabetização não se mostram favoráveis para a aquisição da leitura e da escrita de maneira significativa, visto que o material do Programa Ler e Escrever (PLE) é imposto aos professores e, muitas vezes, não é claro para esses como poderiam valer-se desse material.

Com isso, cada professor “improvisa” seu modo de lidar com o material, como podemos perceber nas observações de aula, ficando à mercê de alguns conhecimentos já adquiridos em sua formação inicial e outros ampliados na formação continuada à qual se ocupa apenas com o MD, como se este resolvesse todas as questões de aprendizagem de todos os alunos (ASSOLINI, 2015).

Com isso, a relação de submissão do professor em relação ao MD pode estar relacionada com a qualidade de experiências em sua formação inicial, que muitas vezes estão preocupadas apenas em ensinar o básico. De acordo com Nóvoa (2017) o professor não deve ser um profissional que se serve apenas de conhecimentos básicos, já que é dele a responsabilidade de formar todos os alunos que trilham caminhos em suas salas de aula.

Se um dos impasses da sala de aula está relacionada com a qualidade de experiências da formação inicial, uma das soluções seria investir em formação continuada que fizesse o professor refletir sobre seu cotidiano e o levasse a perceber que a prática de leitura parafrástica não leva em conta o interdiscurso dos alunos (ORLANDI, 2003), vê a língua como transparente, não considera os múltiplos sentidos dos diferentes sujeitos e acredita na neutralidade da língua. A formação continuada é um meio de os docentes ressignificarem seus saberes, colocando-os como atores principais do processo de construção e reconstrução de seus conhecimentos (NÓVOA, 2017).

## Referências

- ASSOLINI, F. E. P. Alfabetização e letramento: aspectos históricos, conceituais e proposta pedagógica. In: **Educação: Uma visão (da ARE)**. MORENO, L. C. (Orgs.) Ed. Legis Summa, Ribeirão Preto, 2015.
- COURTINE, J.J. Définition d'orientationsthéoriques et construction de procéduresenanalysedudiscours. **Philosophiques**, v. 9, 1982.
- COURTINE, J. J. **Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso**. Universityof Auckland (New Zealand). Trad.: Flávia Clemente de Souza - Universidade Federal Fluminense e Márcio Lázaro Almeida da Silva - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Policromias. Junho/2016.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: \_\_\_\_\_. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução de Frederico Carotti. São Paulo: Companhia de Letras, 1980, p.143-179.
- KLEIMAN, A. B. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 1-25, dez, 2007.
- MORTATTI, M. R. L., FRADE I. C. A. S. (Org.). **Alfabetização e seus sentidos: o que sabemos, fazemos e queremos?** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- NÓVOA, A. **Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente**. Cadernos de Pesquisa v.47 n.166 p.1106-1133, 2017.
- ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 2003.
- PECHÊUX, M. O discurso: Estrutura ou Acontecimento. Trad. EniOrlandi. Campinas, SP: Pontes, 1990.
- SOARES, M. **Alfabetização: A questão dos métodos**. 1 ed., São Paulo: Contexto, 2017.
- TFOUNI, L. V.; ASSOLINI, F. E. P. **Interpretação, autoria e prática pedagógica escolar**. Revista Odisseia, n. 1, 2008.

